



RESENHA

RESENHA DA OBRA DE JEAN-PAUL DUBOIS *TOUS LES HOMMES N'HABITENT PAS LE MONDE DE LA MÊME FAÇON*

Gabriella Tomasi

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Brasil

gabriellatomasi.adv@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.26512/caleidoscopio.v5i2.40725>

Recebido em: 02/08/2021

Aceito em: 30/09/2021

Publicado em março de 2022

DUBOIS, Jean-Paul. **Tous les hommes n'habitent pas le monde de la même façon.** Éditions de l'Olivier, 2019. 245 p.

Jean-Paul Dubois é um escritor francês de 71 anos que nasceu no dia 20 de fevereiro de 1950, na cidade de Toulouse, na França. Após estudar sociologia, trabalhou grande parte da sua vida como jornalista e repórter para grandes jornais da imprensa francesa como *Le Matin de Paris*, *Le Nouvel Observateur* e *Sud-Ouest*. No total, o autor já publicou 23 obras e conta com 6 prêmios literários, dentre eles o *Prix Femina* e o *Prix du roman FNAC* em 2004 pela obra *Une vie Française* e, mais recentemente, o maior e mais prestigioso prêmio literário francês, o *Prix Goncourt* em 2019, pela obra *Tous les hommes n'habitent pas le monde de la même façon*.

Embora o autor já tivesse constado da lista de finalistas de edições anteriores do *Prix Goncourt*, essa foi a primeira vez que ele recebeu o prêmio. Essa obra também foi escolhida e agraciada pelos estudantes de Letras na edição brasileira do *Choix Goncourt du Brésil* em 2020, evento realizado graças à ação conjunta da Embaixada Francesa no Brasil e da Academia Goncourt com as universidades brasileiras que estudam literatura e língua francesa.

A obra *Tous les hommes n'habitent pas le monde de la même façon* foi publicada em setembro de 2019 pela editora francesa *Éditions de L'Olivier* e, até o presente momento, não possui tradução para a língua portuguesa. O objetivo da edição brasileira do *Choix Goncourt* e também o desta resenha, é de difundir a literatura de expressão francesa e, igualmente, incentivar o trabalho de tradução



para que obras contemporâneas em língua francesa - como a presente - possam ser lidas, estudadas e compartilhadas não somente dentro da comunidade acadêmica e por aqueles que estudam o idioma francês, mas alcancem também todo o público que se interessa por literatura.

Na obra *Tous les hommes n'habitent pas le monde de la même façon*, acompanhamos a história de vida do protagonista chamado Paul Hansen, o qual se encontra na prisão na cidade de Montreal, no Canadá, compartilhando sua cela com um criminoso chamado Patrick Horton, preso por homicídio. Os motivos da prisão de Hansen não são contados em um primeiro momento. Pelo contrário, a narrativa se estende entre o tempo presente e as memórias do protagonista, que nos conduzem aos principais acontecimentos que o levaram da França, onde nasceu, até o Canadá, desde o ano de 1950 até os anos 2000, abordando, ao longo do texto, os principais eventos de sua vida.

A narrativa, portanto, se concentra na revelação dos motivos pelos quais uma pessoa, aparentemente normal, oriunda de uma família e uma vida financeira relativamente estável poderia se encontrar em um lugar como a prisão. Ela é feita de uma forma gradual e construída sob forma de suspense, retardando informações importantes de maneira proposital, com o intuito de desenvolver um clímax revelador. Nos primeiros capítulos, inclusive, o autor não nos dá nenhum indício de que o protagonista seja sequer uma pessoa perigosa ou violenta. Esse é um contraste igualmente proposital, explorado na sua relação com o seu colega de cela, Patrick. Os demais personagens, como a sua parceira Winona e seus pais Johannes e Anna – um pastor e uma feminista atea –, não somente contribuem para a trajetória do protagonista, mas também são elementos importantes para a construção do suspense e do desenvolvimento das críticas presentes, em ritmo crescente até chegarmos à revelação principal: os motivos do encarceramento de Hansen. O leitor percebe, muito claramente, como todos os personagens têm características que os opõem uns aos outros e como Hansen não pertence a esse mundo que ele narra. Em outras palavras, Hansen parece não se encaixar em nenhuma categoria pré-estabelecida pela sociedade, ele não compactua com nenhum dos valores defendidos pelas demais pessoas com quem convive.

Assim, nessa obra ficcional, o narrador em primeira pessoa nos imerge na visão de mundo e nos valores do protagonista. Ele nos apresenta as pessoas que



encontra, os fantasmas que o assombram, revelando-nos, a cada passagem de capítulo, informações e experiências que permeiam suas motivações e suas ações, de maneira subjetiva. Por meio de uma narrativa não linear, retraçamos o caminho do personagem, reconstituímos e tecemos, a partir da leitura, a sua vida, a qual alterna, em cada capítulo, os eventos do passado e do presente do protagonista, escrita em uma linguagem bastante simples, superficialmente, o que facilita a leitura e a sua compreensão, mas que, ao mesmo tempo, é uma linguagem bem construída e poética.

Esse estilo adotado pelo autor contribui enormemente para a experiência e o prazer da leitura, assim como instiga a curiosidade do leitor. Nós nos deparamos com inúmeras emoções exploradas na narrativa: momentos sérios, momentos de humor, momentos de ironia, o que confere uma complexidade à obra e a torna cada vez mais pungente. Os sentimentos do protagonista variam entre esperança e melancolia, assim como as suas reflexões, as quais, em geral, são transcritas detalhadamente.

Essa curiosidade se estende à própria personalidade do protagonista Paul Hansen, um homem que aparenta ser simples e inofensivo e, o qual, apesar de algumas dificuldades, de maneira geral, é uma pessoa bem integrada socialmente, possui uma boa relação com aqueles que encontra, inclusive com sua parceira Winona e sua cadela Nouk. No entanto, esse retrato indubitavelmente intriga o leitor a desvendar o enigma que é o protagonista, principalmente quando ele é contraposto a um ambiente hostil rodeado de pessoas criminosas, até corruptas, maliciosas e perigosas.

Os demais personagens ressaltam as múltiplas facetas do ser humano que já presenciamos no protagonista. Em outras palavras, todos são pessoas repletas de defeitos e de qualidades, independentemente da posição social: os religiosos, as feministas, os criminosos, as autoridades, os trabalhadores, os aposentados, etc. Esse aspecto é um dos motivos pelos quais a narrativa se torna universal, possibilitando ao leitor uma identificação. É através das características desses personagens que o autor tece críticas a várias ordens: social, religiosa, política, etc, todas tendo como pano de fundo os marcos históricos importantíssimos para o mundo francófono como, por exemplo, os movimentos e protestos estudantis do ano de 1968 na França, os quais reivindicavam, em suma, uma sociedade menos



tradicional, conservadora e menos autoritária e também o referendun quebequense de 1980, no qual se reivindicava e postulava a independência da província do Quebec em relação ao Canadá anglófono.

Além disso, é interessante observar que, no tempo presente, os demais personagens, em sua maioria, apresentam-se para o protagonista sob forma de lembranças de um passado e interferem no presente de Hansen, ou seja, são como aparições que lhe assombram de maneira tanto positiva, quanto negativa. Neste contexto, Hansen reflete sobre essas pessoas que passaram na sua vida. É a forma que o protagonista encontra para alcançar algum tipo de consolo. Apesar das perdas que sofreu, ele ainda consegue encontrar a beleza na trajetória, sem qualquer arrependimento. E sim, Hansen é uma pessoa que não guarda rancores ou sequer remorso ou lamento sobre suas escolhas e suas ações. Ele as aceita de forma completamente natural, bem como as suas consequências, sejam elas quais forem.

De maneira geral, o romance trabalha bastante e admiravelmente com dicotomias, tanto na forma como o autor escolhe desenvolver a intriga, quanto no próprio conteúdo narrativo. Isso porque a narrativa alterna entre a vida presente e passada do protagonista. Em relação ao conteúdo, ele transita entre as suas alucinações e as suas epifanias, o surreal e o real, e aborda não somente a vida íntima, mas também a sociedade na qual os personagens estão inseridos, as injustiças da vida, a beleza que todos nós podemos encontrar em nossa existência, a vivência e a dinâmica das relações entre pessoas com características aparentemente opostas umas às outras.

Injustiça, inclusive, é um tema central nesta obra escrita por Dubois. Em todos os personagens nós presenciamos certa falta de justiça, uma vida imersa em uma sociedade arbitrária, burocrática, que busca sempre o lucro, a produção, e cujos indivíduos são moldados por esse mundo exterior, por essa vida social que disciplina, mas que não é libertária e que, portanto, coloca em xeque o próprio conceito de democracia. A cela de prisão e até mesmo o imóvel em que ele trabalhou por último como porteiro demonstram, metaforicamente, o aprisionamento do protagonista, já que todos são a representação de espaços confinados, apertados, que não lhe possibilitam qualquer movimentação, como os 6m² de sua cela. Essa é uma característica bastante melancólica da obra, porém, o olhar de Dubois para



esses personagens, gentil e complacente, transpõe essa humanidade que tanto ressoa na obra.

É visível, portanto, o quanto a sua formação em estudos sociológicos o influenciou ao escrever esta obra. Há uma presença inegável de uma crítica forte às distinções e relações sociais, e há, sobretudo, questões filosóficas em torno da definição de liberdade. Há ainda, como pano de fundo do romance, um estudo cuidadoso da relação entre história e sociedade e seus principais questionamentos que não passam despercebidos pelo leitor.

Em síntese, a obra de Jean-Paul Dubois representa uma diversidade e ao mesmo tempo uma universalidade em relação à nossa sociedade. Essa característica já é anunciada desde o seu título, ou seja, o fato de que todos os homens não habitam o mundo da mesma forma: cada um vive sua vida e tem seu lugar no mundo, mas há elementos que unem a todos. O romance apresenta as histórias de infortúnio e de tragédia sem jamais pretender ser complexo ou pesado demais. Ainda que haja uma gravidade no assunto tratado na narrativa, o leitor não se sente passivo ou distante daquilo que lê. Essa humanidade talvez seja o que faz com que nos aproximemos da obra, tornando a leitura uma experiência muito agradável. A intriga é bem desenvolvida a ponto de alimentar nossa curiosidade sobre os personagens e sobre as circunstâncias que justificam os caminhos da vida do protagonista, ou seja, suas alegrias e seus infortúnios, conduzindo-nos a uma profunda e urgente reflexão sobre o nosso mundo, as relações humanas e sociais.

Biografia da autora

Gabriella Tomasi é graduanda em licenciatura de Letras: Francês pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Tem interesse em pesquisas na área de literatura e mediação de leitura de obras em língua francesa em sala de aula de língua estrangeira.